

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
BACHARELADO

FERNANDA LINS TEIXEIRA
PENÉLOPE FERNANDO PEREIRA SILVA
RAYANE VITÓRIA SANTOS ANDRADE DE LIMA

O CORPO FEMININO NO ESPORTE: A
MASCULINIZAÇÃO SOCIAL

RECIFE/2021

FERNANDA LINS TEIXEIRA
PENÉLOPE FERNANDO PEREIRA SILVA
RAYANE VITÓRIA SANTOS ANDRADE DE LIMA

O CORPO FEMININO NO ESPORTE: A MASCULINIZAÇÃO SOCIAL

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Educação Física.

Professor Orientador: Dra. Annelise Lins Meneses

RECIFE/2021

T266c

Teixeira, Fernanda Lins

O corpo feminino no esporte: a masculinização social./
Fernanda Lins Teixeira; Penélope Fernando Pereira Silva; Rayane
Vitória Santos Andrade de Lima. - Recife: O Autor, 2021.
26 p.

Orientadora: Dr. Annelise Lins Meneses.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro
Universitário Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Educação
Física, 2021.

1. Corpo. 2. Esporte. 3. Feminilidade. 4. Gênero.
5. Mulher. I. Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. II.
Título.

CDU: 796

FERNANDA LINS TEIXEIRA
PENÉLOPE FERNANDO PEREIRA SILVA
RAYANE VITÓRIA SANTOS ANDRADE DE LIMA

O CORPO FEMININO NO ESPORTE: A MASCULINIZAÇÃO SOCIAL

Artigo aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Educação Física, pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

Profa. A Dra. Annelise Lins Meneses
Professor(a) Orientador(a)

Prof.º Titulação Nome do Professor(a)
Professor(a) Examinador(a)

Prof.º Titulação Nome do Professor(a)
Professor(a) Examinador(a)

Recife, ___/___/___

NOTA: _____

Dedicamos esse trabalho a nossos pais.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
<i>2.1 Os corpos femininos no contexto histórico.....</i>	<i>11</i>
<i>2.2 Papel social das mulheres na história.....</i>	<i>11</i>
<i>2.3 A mulher e seu corpo na atualidade.....</i>	<i>13</i>
<i>2.4 O corpo feminino no esporte.....</i>	<i>13</i>
<i>2.5 Os estigmas sociais do corpo feminino no esporte.....</i>	<i>13</i>
<i>2.6 A masculinização dos corpos.....</i>	<i>14</i>
3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	16
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	24

O CORPO FEMININO NO ESPORTE: A MASCULINIZAÇÃO SOCIAL

Fernanda Lins Teixeira

Penélope Fernando Pereira Silva

Rayane Vitória Santos Andrade De Lima

Annelise Lins Meneses¹

Resumo: Desde os primórdios, a mulher tem sua participação no esporte questionada e até mesmo negada devido a institucionalização social de que a prática desportiva seria exclusivamente masculina. Essa problemática, mesmo que em menor quantidade, perdura ainda nos dias atuais e se deve ao contexto patriarcal que é vivido. O presente trabalho buscou compreender e elucidar os fatores envolvidos na estigmatização e preconceito atribuídos à inserção da mulher esportista e a forma na qual o corpo feminino é visto socialmente. As buscas foram realizadas nas bases de dados Scielo, Google Acadêmico e PubMed, e foram incluídos dez estudos na presente revisão. Os resultados dos estudos sugerem que, no âmbito desportivo, é comum que mulheres tenham seus corpos comparados a corpos masculinos e tenham sua sexualidade e feminilidade colocadas em jogo, gerando constrangimento. Diante do exposto, conclui-se que o preconceito está envolto não só na aparência física, mas também, na sexualidade da mulher esportista. Apesar dos desafios vividos rotineiramente, as mulheres mostram-se firmes na busca por espaço, e já obtiveram bastante resultado, se comparado aos tempos mais antigos, no entanto, ainda há muitas barreiras sociais a serem quebradas.

Palavras-chave: Corpo. Esporte. Feminilidade. Gênero. Mulher.

¹ Doutorado em Educação Física, *University of the Sunshine Coast, Queensland* – Austrália; Prof. do Dep. Educação Física da UNIBRA; E-mail: anneliselinsmeneses@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a autora Ana Maria Colling (2014), é visto que desde os primórdios, ser mulher foi sinônimo de inferioridade. A visão social, política e religiosa da mulher era de mãe, dona de casa, cozinheira, esposa e outros adjetivos. Ao homem, eram dados os privilégios políticos, espaços públicos e posições que remetiam ao poder. No esporte, não foi diferente! Desde a idade média, as mulheres sequer podiam assistir a jogos e lutas, pois estas práticas esportivas eram consideradas violentas e cabíveis apenas aos homens (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008).

O papel social de homens e mulheres distinguem-se quando homens são associados a uma natureza mais agressiva, enquanto que a mulher é associada a uma natureza frágil. Assim, quanto mais agressivo o homem for, mais másculo e mais homem ele é, e quanto mais sutil for a mulher, mais feminina ela se torna, trazendo, assim, a divisão entre ser feminina e ser masculinizada (COLLING, 2014).

Desde a Grécia Antiga já havia o discurso de que a mulher que praticasse exercícios físicos seria masculinizada, além dos estigmas impostos pela sociedade em que não teriam força ou aptidão física para realizar exercícios físicos (FRANCISCO, 2010). Com o início da carreira militar no Brasil, foi determinado que as mulheres não pudessem praticar lutas e futebol, como pode-se verificar no Art. 54 ([DECRETO-LEI Nº 3.199, DE 14 DE ABRIL DE 1941.](#)):

Às mulheres não se permitirão à prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país (BRASIL, 1941).

Existe uma forte construção política e histórica onde a intervenção feminina no esporte é carregada de questões que perpassam o tempo até os dias de hoje (SILVEIRA; VAZ, 2014). Ao tratar de conquistas ao longo do tempo, mulher e esporte eram duas palavras divergentes. Do período primitivo à Grécia antiga, a organização familiar era marcada por uma sociedade fortemente patriarcal com proibições e restrições às mulheres para a prática de atividades esportivas e/ou lazer. Estas atividades eram praticadas por seus maridos ou parentes homens mais próximos, e para as mulheres restavam apenas tarefas domiciliares e cuidados maternos (OLIVEIRA et al., 2008).

O corpo e as suas formas têm ligação direta com a cultura, influenciando as diversas mudanças atreladas à sociedade e sua época. O esporte, de modo geral, se contextualiza desde toda sua história pela performance masculina independente de qual seja a modalidade; sem dúvidas quando se fala em rendimento, corpo “perfeito”, força, virilidade, entre outras qualidades logo se idealiza uma figura masculina (OLIVEIRA et al., 2008). Mesmo quando houve o conhecimento e estabelecimento das primeiras leis do direito, ainda prevalecia o cenário de resistência masculina para que a figura feminina participasse efetivamente de atividades esportivas (OLIVEIRA et al., 2008).

No âmbito esportivo, o corpo feminino há anos é recriminado e tratado como inferior em relação aos corpos masculinos (SILVA, 2010). A cultura é o que dita costumes e modos de uma sociedade, seja em relação ao desempenho do corpo feminino ou aparência (DAOLIO, 1995). Grandes entidades esportivas utilizam de investigações, submetendo o corpo da mulher a testes para identificar se há o uso de recursos ergogênicos para explicar suas aparências “masculinizadas”, seu rendimento e desempenho (SILVEIRA; VAZ, 2014).

Muitas mulheres são questionadas quanto ao seu “*status biológico*”, e atletas que apresentam uma performance excepcional precisam se submeter à comprovação de gênero (KANE, 1995). Além disso, as mulheres atletas estão sujeitas a uma objetificação e a uma intensa pressão para moldar-se a uma aparência feminina (MESSNER, 2002). Esse cenário indica a necessidade urgente de reflexão acerca do contexto social de masculinização do corpo feminino de esportistas/atletas e seus diferentes padrões socioculturais construídos com relação a esse corpo dentro do esporte, buscando compreender os motivos pelos quais historicamente a sociedade tende a estigmatizar e deslegitimar esses corpos.

Infelizmente, a mulher atleta e/ou hipertrofiada, continua sofrendo com julgamentos e preconceitos apenas pela forma ou tamanho do seu corpo ou ainda que esse tipo de diálogo seja sempre associado à orientação de gênero e sexualidade destas mulheres. Assim, diante do que foi exposto, pretende-se discutir sob nova ótica e perspectiva do que é ser mulher e musculosa, afinal, ter músculos e um corpo tonificado não é sinônimo de ter um corpo masculino.

Analisar através da literatura científica de que forma ocorre o processo de masculinização dos corpos femininos em mulheres sportistas e/ou atletas, e como os fatores sociais e culturais interferem nestas questões.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Os corpos femininos no contexto histórico

Ao resgatar a história, desde a Grécia antiga, bem como na cultura ocidental, tem-se que à mulher, e ao seu corpo, sempre coube a mera função da maternidade, quase que exclusivamente. Sendo consideradas ineptas para pensar, consideradas mesmo como irracionais, e desprovidas de criticidade, incapazes até de serem disciplinadas (COLLING, 2014, p. 42).

A visão quer seja filosófica, quer seja da igreja, da moral, da ética na época a construção histórica do corpo da mulher era embasada em uma visão deturpada, considerado esses corpos centro de pecados, impuros, polo negativo, acerca da fisiologia feminina que assustava e repelia, o fluxo menstrual, a pulsão do parto, tudo era visto como aberração (PRIORE, 2010).

Ainda dentro dessa perspectiva histórica nota-se outro fator pertinente, quanto a visão e descrição sobre a mulher e seus corpos sempre era de um ponto de vista masculino, generalizado, um olhar “prolixo” onde a falta de informação faz tornar um discurso difuso (NASCIMENTO; ROCHA, 2021).

2.2 Papel social das mulheres na história

O papel da mulher durante muito tempo na história se caracteriza por sua “fragilidade” física, a proibição desses corpos as práticas de quer que seja a atividade esportivas com isso lhes eram associados o papel de donas do lar onde apenas as tarefas domésticas, o casamento, a maternidade dentro da visão e normatização de uma sociedade patriarcal, por meio da imposição social sobre esses corpos as mulheres permaneceram sendo silenciadas e coagidas (PERROT, 2003).

Na época da Revolução Francesa, diferença de gênero e cor eram levadas em consideração, já as diferenças de nascimento, de posição, de status social entre homens não eram levadas em consideração naquele momento. O filósofo Marquês Condorcet (de quem a morte em 1792 desproveu as mulheres de uma voz forte) dizia que as mulheres tinham as mesmas capacidades morais e racionais dos homens (CONDORCET, 1976, p. 98.).

No século XIX, a exibição do corpo da mulher era muito discreta e vigiada. Segundo Perrot (2003, p. 15), as partes do corpo consideradas eróticas não poderiam ser mostradas, e deveriam seguir o que a moda ditava. Além disso, a autora afirma que as mulheres estavam a todo momento sendo analisadas, a discrição e o comedimento eram valorizados nas atitudes, gestos, falas, olhares e em suas expressões.

Perrot (2003, p. 26) também traz que já no fim do século XIX, o extremo da apropriação, da manipulação e da significação já começava a esboçar uma supremacia, um predomínio. As ordenações à mulher e ao corpo começavam a ser rompidas, o corpo começou a ser visto em sua integralidade e foi colocado mais à mostra, principalmente no espaço público, já que a revolução feminista fez do corpo "o centro das lutas públicas da mulher".

2.3 A mulher e seu corpo na atualidade

Le Breton (2006) traz que em qualquer tempo, espaço e cultura o homem usa o corpo para se relacionar com o mundo, o que nos leva a concebê-lo como uma construção social e cultural a partir da qual se refletem as tramas e os sentidos da própria sociedade. Assim, o corpo se torna um reflexo da própria cultura.

Campos et al (2016) destaca que padrões estéticos atrelados a revistas e passarelas ainda são os parâmetros utilizados para muitas formas de promoção à saúde, apresentando a imagem da mulher atual como magra, com curvas evidentes e aparentemente bem resolvidas.

A mulher contemporânea ideal, trata-se de uma mulher alinhada, com ausência de manchas na pele, sinais de gordura localizada e com cabelos impecáveis (CAMPOS et al 2016).

Como traz Lima et al (2013) o corpo feminino dentro da lógica capitalista do consumo permanece e cada vez mais vem sendo objetificado, objeto de desejo, o corpo como produto por meio da mídia, carrega consigo a manipulação e estipulação social de um corpo perfeito. Por sua vez, essas mulheres tendem a buscar pela "perfeição" de seus corpos, padronizar, tendem a todo custo modificá-lo.

2.4 O corpo feminino no esporte

Por sua vez, no esporte, surgem formas alternativas de construção da aparência corporal, desconstruindo as representações dominantes de gênero e sexualidade. Na luta, por exemplo, os corpos são ressignificados, havendo uma transição de modo a surgir várias possibilidades de feminilidade (FERNANDES et al 2015).

Silveira e Vaz (2016) apontam que a imagem do corpo da mulher no meio desportivo é rapidamente questionada ao tratar de mulheres com características físicas secundárias, sendo estas: seios menores, músculos evidentes e ombros largos, levando ao questionamento de sua sexualidade.

Fernandes et al (2015) salienta que o comportamento das mulheres pode vir a sofrer alterações quando estão inseridas em esportes predominantemente masculinos, chegando a abrir mão de comportamentos de natureza feminina.

2.5 Os estigmas sociais do corpo feminino no esporte

A preocupação com a masculinização das mulheres atletas é uma problemática atual, mas que começou e se intensificou durante a Guerra Fria (SILVEIRA; VAZ, 2013). Os músculos simbolizam a força e a masculinidade, não sendo vistos como atributos femininos. O ideal de corpo feminino não seria apenas magro, mas também moderadamente tonificado e bem torneado. O aumento de músculos durante a realização de treinamento atlético acaba trazendo um desacordo com tal ideal (BORDO, 1993).

O corpo feminino está constantemente sendo vigiado e analisado, independentemente do cargo que ocupa, mas tendo em vista a relação da mulher na atividade física, o corpo fica ainda mais em evidência, pois está exposto a todo tempo como ferramenta de trabalho (MOURA; TASCA, 2020).

Quando um corpo feminino não se enquadra dentro dos padrões culturalmente estabelecidos como normais, dentro do discurso dominador, a mulher estaria se masculinizando (GOELLNER, 2003).

2.6 A masculinização dos corpos

Adami et al (2005) pontua que a imagem estética feminina sofre pressão social, e que muitas das insatisfações ou medos de modificações corporais partem de influências culturais.

É compreendido que a transformação de gênero se dá pelo processo de transformação corporal em relação a experiência esportiva. Nos esportes, as atletas notam que os significados atribuídos a seus corpos foram modificados. Diante disso a “masculinização” surge nesse contexto a partir de uma incompreensão da pluralidade de corpos, gêneros e possíveis feminilidades, fazendo uma “ponte” entre os gêneros e posicionando-as no “lado masculino”. Assim, ao expor suas fragilidades, seus corpos atraem, encantam e repelem, tornam-se divergentes e, conseqüentemente, objetos (BUTLER, 2003).

Características sociais são aplicadas nos desportos que o fazem por ser considerados “masculino” ou “feminino” ao exemplo dessas características o futebol e o halterofilismo como sendo masculinos e a ginástica rítmica desportiva e o nado sincronizado por serem femininos como traz Melo et al (2003). Nesse contexto reafirma a imagem culturalmente imposta sobre a mulher e seus corpos e tem-se daí a preocupação por obter e retificar os traços dessa feminilidade.

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa. Conforme Minayo (2010) a pesquisa qualitativa:

Se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001).

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica para identificar estudos que tratam do tema investigado. Esse tipo de pesquisa foi elaborado por meio da revisão de estudos originais publicados sobre a temática “corpo feminino e esporte”. Gil (2010) aponta as suas vantagens afirmando que:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários (GIL, 2010).

Para conhecer a produção do conhecimento acerca do corpo feminino no esporte: a masculinização social, foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados eletrônicas Pubmed, Scielo e Google Acadêmico. Os descritores utilizados para a busca foram: “Corpo”, “Esporte”, “Feminilidade”, “Gênero” e “Mulher”. Foram considerados como critérios de inclusão da revisão: 1) estudos publicados dentro do recorte temporal de 2010 a 2021; 2) estudos com conteúdo dentro da temática estabelecida; 3) artigos na língua portuguesa; 4) artigos originais. Os critérios de exclusão foram: 1) estudos realizados com mulheres não-atletas; 2) estudos indisponíveis na íntegra; e 3) estudos com erros metodológicos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nas pesquisas feitas nos sites de buscas com os descritores mulher; esporte; corpo; gênero; feminilidade e sexo, foram encontrados um total de 6.778 artigos como mostrado na Figura 1. Os artigos foram excluídos por não apresentarem o conteúdo necessário, outros não apresentavam metodologia, alguns não eram artigos originais, poucos foram os encontrados em outro idioma, sobrando apenas 10 artigos que apresentaram conteúdo compatível com o tema apresentado neste trabalho.

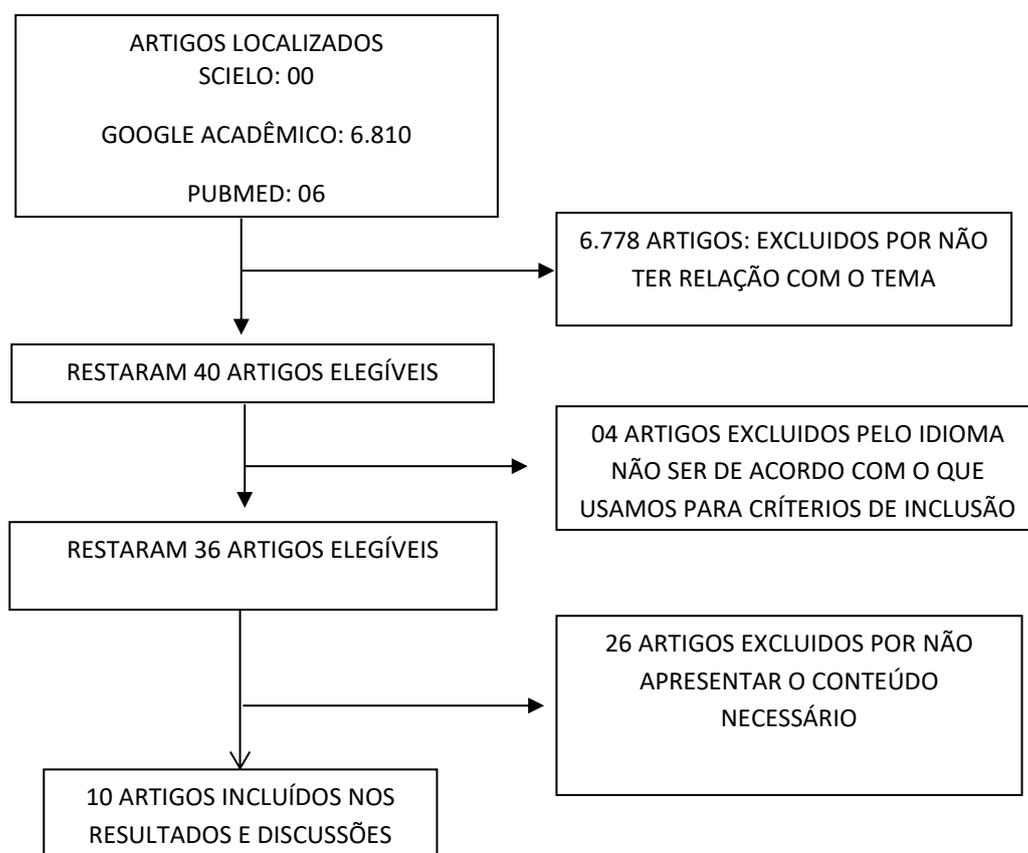


Figura 1. Fluxograma descritivo da sequência das etapas da metodologia utilizada para a revisão de literatura

Observa-se que apesar de toda a luta diária, a mulher segue sendo vítima da ignorância social. Ao serem analisados, os artigos mostram que, mesmo com toda a evolução social, o pré-conceito, a discriminação, os equívocos e a forma na qual a mulher é vista e tratada no meio desportivo segue sendo algo retrogrado.

Partindo da observação quanto o sentimento de mulheres ao se inserirem dentro dessa esfera esportiva feminina no futebol, esporte predominantemente masculino Nascimento, Rocha (2021) mostra uma série de fatores psicológicos que influenciam essas mulheres em como elas veem e se colocam nesse contexto, tendo em vista uma condição sociocultural ainda com traços de patriarcado e que limitam essas mulheres de diversas formas.

Nos lembra Nascimento, Rocha (2021) que a condição histórica delimitada para esses corpos dentro da sociedade, reverbera até os dias de hoje o preconceito e discriminação, atrelados à prática do futebol por mulheres, a negação desse espaço majoritariamente masculinizado, a essas mulheres que por sua vez julgadas quanto sua sexualidade e gênero apenas pelo fato de praticarem futebol.

Constatou ainda que o sentimento de paixão pelo esporte justifica a grande força ao enfrentamento às barreiras delimitadas pela sociedade a esses corpos, aos estigmas estipulados a essas mulheres praticantes do futebol, a busca pela valorização de seu talento e esforços dentro do esporte segue sendo parte da luta de ser mulher e fazer do meio esportivo.

De acordo com Jardim, Betti (2021) a mulher no futsal lida com questões de gênero e sexualidade sendo estipulado como uma regra a “heteronormatividade”, onde o que foge desse padrão sofre preconceito, discriminação, a qual pode acontecer desde o pai e/ou a mãe que proíbe a praticar por considerar ser um esporte masculino, seja por parte dos próprios treinadores e até mesmo das próprias jogadoras quanto a condição estética corporal dessas atletas.

É possível visualizar que ocorre dessa forma um alinhamento de problemáticas quanto aos motivos e tipos de preconceito/ discriminação sofridos por essas mulheres, dentro do contexto esportivo que independem da modalidade, desde que seja essa modalidade alocada na sociedade como masculina, como trazem Moura (2010) e Mascarin et al (2017).

Dentro do contexto histórico socialmente falando o futebol/ futsal está alocado como sendo uma modalidade masculina, onde as oportunidades elas ocorrem de maneira completamente diferente, quando se falando mulher e homem, onde desde criança um menino ganha uma bola para brincar e logo é posto em uma escolinha de

futebol para aprender e desenvolver, diferente da forma que ocorre quando se trata de meninas, mulheres.

De acordo com Mascarin et al (2017) que traz a visão e relato de mulheres dentro do futsal, contando as dificuldades por elas enfrentadas, que vem de um processo histórico de preconceito e discriminação, com o passar do tempo pouco tem sido as diferenças quanto a mulher no esporte nesse caso o futsal, considerado esporte masculino pela sociedade, entram as questões de preconceito com o gênero.

Observa-se que desde o primeiro contato com o esporte em sua maior parte acontece na escola e trazem como relato a fala de que era de lá onde elas se deparam com algumas barreiras, barreiras estas que perpassam por preconceito quanto a sua sexualidade, quanto ao fato exatamente de ser um esporte considerado masculino, a feminilidade de seus corpos posta à prova, o não apoio familiar, questões de gênero dessas mulheres, partindo desde colegas de escola, a professores Mascarin et al (2017).

A grande problemática sociocultural que aponta e julga esses corpos e essas mulheres, desde a sua entrada no futsal quando ainda crianças, até os dias atuais reverbera na falta de patrocínio além de tudo. O enfrentamento e resistência dessas mulheres vai além do fato de como são vistas perante uma sociedade, mas pela falta de suporte quanto ao fato de ser mulher e não ter assistência e virem pouco a pouco abrindo espaço e mostrando cada vez mais.

Observou Moura et al (2010) que além do futebol o universo das lutas também carrega diversos preconceitos com essas mulheres, havendo um ponto de concordância com os estudos já citados, onde essa mulher tem por suspeita sua sexualidade, feminilidade, pelo fato de praticar quer seja o futsal/ futebol ou MMA, um exemplo de modalidade de luta de extrema “agressividade”, onde tem-se novamente como esporte “masculino”, para homens.

Concorda ainda Moura et al (2010) que essa construção social carregada de preconceitos, julgamentos e proibições dos corpos femininos dentro do universo esportivo e o ser mulher, torna-se determinante para o seu papel social quanto dona de casa e da qual é destinada a cuidar dos filhos e etc. Diante do passar do tempo e

nos dias atuais elas não cabem mais apenas nesses papéis e buscam por seu lugar no futebol/ futsal e também nas lutas (MMA).

De acordo com Silveira e Vaz (2014), havia uma preocupação generalizada com a desfeminização das atletas do sexo feminino. E para que se resolvesse o "transtorno" da ambiguidade, foram implantados testes de sexo, com a finalidade de tranquilizar as atletas que eram verdadeiramente mulher.

Essa proposta se dá, pois, se a mulher deixar de ser claramente diferente do homem, a integridade da categoria homens e mulheres estará perturbada. Porém mesmo a mulher tendo uma feminilidade evidente, se ela transgrede os limites da performance masculina ela incomoda.

Boaventura e Vaz (2020) apontam que nas observações feitas por ginastas e treinadoras, o ser mulher é atribuído de diferentes formas na ginástica rítmica. O conhecimento do corpo gímnico, através de sua objetificação, dita parâmetros de normalidade, dizendo como os corpos devem ser tratados e como educá-los.

O artigo de Soares (2018) busca uma urgência em debates que abordem desnaturalizar os binarismos dos gêneros, das sexualidades e heteronormatividade que se fazem presente nas modalidades esportivas. Ele traz o questionamento de como subjetificar formas diferentes de olhar e compreender as formas dos corpos, dos gêneros e sexualidades.

Os artigos encontrados, em sua maioria, retratam em seus resultados as falas de mulheres esportistas que relatam o que passaram e passam para chegar em determinado lugar no esporte, tendo como maiores reclamações a visão social da estética trazida pelo esporte e o achismo social referente a opção sexual destas, baseado no porte físico que elas possuem, principalmente quando o esporte escolhido por elas é um esporte de preponderância masculina.

O mesmo ainda constata, a grande problemática social que aponta e julga esses corpos e essas mulheres, desde a sua entrada no futsal quando ainda crianças, até os dias atuais reverbera na falta de apoio. O enfrentamento e resistência dessas mulheres vai além do fato de como são vistas perante uma sociedade, mas pela falta de suporte quanto o fato de ser mulher e não terem assistência e virem pouco a pouco

abrindo espaço e mostrando cada vez mais do que são capazes, suas habilidades e conquistas.

A causa dessa problemática está muito atrelada aos tempos passados, mas os efeitos perduram até os dias de hoje, e, apesar de serem tempos distintos, nem todas as pessoas se permitem viver o atual e olhar para as situações com um olhar menos crítico e mais acolhedor, gerando não só uma masculinização social, mas um olhar crítico, distorcido e equivocado do que vem a ser a mulher no esporte.

Ainda tratando dos resultados trazidos por este trabalho, os artigos mostram, também, que a imagem feminina é muito forte quando se trata da persistência em se fazer presente no meio esportivo, pois apesar dos desafios e dos demais problemas, a mulher segue buscando por vez.

Abaixo encontra-se o quadro 1, que apresenta os resultados encontrados nas bases de dados mencionados na figura 1.

Quadro 1: Resultados encontrados nos levantamentos bibliográficos.

AUTORES	OBJETIVOS	TIPO DE ESTUDO	POPULAÇÃO INVESTIGADA	METODOLOGIA	RESULTADOS
Berté; Goellner (2020).	Analisar a percepção de boxeadoras sobre as transformações corporais ocorridas em função de sua dedicação à modalidade com fins competitivos.	Observacional	Sete atletas e dois treinadores	Entrevistas envolvendo etapas de elaboração do roteiro, gravação, transcrição, copidesque, conferência pela pessoa entrevistada, assinatura da carta de cessão dos direitos autorais e publicação do texto online.	A partir das narrativas das atletas, foi possível verificar que as pugilistas negociam representações de feminilidade ao adequar seus treinos de modo a manter uma performance sem que haja uma excessiva potencialização muscular, a fim de adequar suas corporalidades aos padrões estéticos socialmente valorizados, mostrando o gênero é algo que precisa constantemente ser reiterado.
Boaventura ; Vaz (2020).	Discutir algumas das múltiplas inscrições nos corpos femininos e algumas de suas representações .	Observacional	Duas treinadoras ex ginastas, 33 e 30 anos. Uma equipe de ginastas entre 6 e 17 anos e um ginasta de 19 anos.	Método etnográfico. Analisando ginastas e treinadoras, o que faziam e diziam sobre suas práticas, escolhas, gostos e conceitos.	Conclui-se que é ressaltando a importância de debater as questões de gênero, de beleza e técnicas na GR para compreendermos diferentes formas de ser mulher em nossa sociedade, onde problematizar as relações entre corpo e feminilidade, reverberam em modos de ser ginasta vinculam-se a tipos de feminilidades que permitem refletir sobre as

					diferentes formas de ser mulher nesse esporte.
Fernandes et al (2015).	Analisar o que é representado por feminilidade em lutadoras profissionais de boxe e de Artes Marciais Mistas (MMA) com o intuito de entender como estes corpos trazem a transitoriedade e as possibilidades de construção do feminino. Em cena a transitoriedade e as possibilidades de construção do feminino.	Observacional	Três atletas profissionais, sendo duas do boxe olímpico e uma do MMA.	Entrevistas semiestruturadas	A partir de uma abordagem qualitativa do tipo descritivo, foram realizadas entrevistas às profissionais, as quais foram analisadas de modo a compreendermos as representações de feminilidade produzidas por essas atletas. Foi compreendido o
Jardim; Betti (2021).	Explorar as percepções de jogadoras de alto rendimento de futsal sobre a participação feminina nesta modalidade.	Observacional	18 Mulheres (19-24 anos)	Observação registrada em diário de campo/fotografia e vídeo, entrevistas semi estruturadas registradas em gravador de voz e posteriormente transcritas para análise.	Realizou-se um estudo etnográfico com atletas de uma equipe universitária do interior paulista. Os resultados evidenciaram que as participantes sofreram uma série de discriminações ao longo de suas trajetórias na modalidade, associados às suas expressões de gênero e orientação sexual.
Mascarin et al (2017).	Compreender, dentro dos esportes considerados masculinos, as dificuldades e permanência das mulheres.	Experimental	13 jogadoras de futsal	Abordagem qualitativa de pesquisa. Dados oriundos de entrevistas semiestruturadas com perguntas previamente elaboradas pelo pesquisador e testadas em uma entrevista piloto.	Conclui-se que o preconceito ainda está evidente, e parte de homens e mulheres quando o assunto é mulher em um esporte predominantemente masculino.
Moura et al (2010).	Compreender as dificuldades de permanência de mulheres em esportes considerados masculinos.	Observacional.	Oito meninas entre 10 e 17 anos praticantes de futebol. Uma mulher de 43 anos praticante de MMA.	Entrevista semiestruturada executada onde as praticantes realizam suas atividades.	Conclui-se que mesmo essas meninas tendo sua feminilidade colocada em dúvida, elas não desistem de continuar a praticar seu esporte.
Nascimento ; Rocha (2021).	Investigar os sentimentos suscitados nas mulheres em sua inserção e	Observacional	17 Mulheres (18-32 anos).	Ficha de informações sociodemográficas para coleta de informações sobre	Constatou que a psicologia é de grande importância no processo de evolução das mulheres no futebol, visto que é um esporte

	participação no futebol feminino.			idade, estado civil, escolaridade, profissão/ocupação e renda. É um questionário de entrevista composto por 10 questões.	predominantemente masculino e isso ainda é um tabu social.
Silveira; Vaz (2013).	Refletir sobre a relação entre doping, corpo e sexualidade de mulheres atletas.	Observacional	Mulheres atletas	Uma doutora em ciências humanas e um professor adjunto do centro de ciências da educação.	Conclui-se que o uso do doping por mulheres é visto não somente com a problemática da falta de feminilidade resultante dos efeitos colaterais do uso, mas como uma ameaça à heterossexualidade, dada não por um fato literal, mas por uma visão equivocada de que mulheres que fazem uso de doping tem ligação direta com a não heterossexualidade.
Soares et al (2018).	Analisar as experiências de gênero, a abjeção dos corpos e a agência de mulheres atletas de levantamento de peso.	Observacional	8 mulheres atletas de levantamento de peso com idade entre 14 e 20 anos.	Observação sistemática dos treinos, registro em caderno de campo, entrevistas individuais com as atletas.	Constatou que as mulheres se mostram firmes, apesar do desafio diário com o esporte, mas que algumas questões ainda desafiam a educação física brasileira e uma delas é a forma na qual as mulheres são vistas em esportes predominantemente masculinos.
Soares et al (2017).	Entender de que forma as mulheres atletas de levantamento de peso lidam com as experiências de gênero e a construção de feminilidades.	Observacional	Oito mulheres com idade entre 14 e 20 anos.	Observação sistemática, com registros periódicos em caderno de campo e entrevistas individuais.	Ao se apresentarem como atletas de levantamento de peso, essas atletas se colocam de forma contradizente as normatizações culturais de gênero e feminilidade e abrem portas para uma atenção reflexiva sobre a diversidade no meio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde sempre, a inferioridade se fez presente no meio feminino em diversos aspectos, e no meio desportivo não foi diferente. Apesar das barreiras, no decorrer da história sempre houveram mulheres obstinadas no objetivo de ocupar lugares que muitos não imaginavam e se fazer predominante mesmo onde naturalmente o meio é predominantemente masculino.

O processo de masculinização social normalmente se dá pela forma na qual a mulher é vista socialmente enquanto mulher musculosa, visto que o comum, socialmente falando, é que a imagem feminina seja uma imagem mais delicada e a imagem masculina seja mais virilizada, levando a mulher musculosa a um julgamento social onde ela é avaliada não por suas habilidades ou por quem realmente é, mas por um estereótipo que pode ou não partir de um processo natural, mas que não desrespeito a ninguém que não seja ela mesma.

Quando se trata de capacidades físicas, as mulheres, assim como os homens, são totalmente capazes de se desenvolver em determinado esporte. É relevante o debate do tema sobre a luta das mulheres em todo e qualquer cenário, sem deixar de lado o esporte, onde ocorre apropriação do corpo feminino.

Diante do que foi visto no decorrer do trabalho, é totalmente pertinente a abertura para novos debates acerca do tema, visto que é algo que apesar de todo o processo de evolução, ainda tem muito o que ser ajustado com relação à mulher e o meio esportivo de forma geral. Tratando não só da forma na qual a mulher é vista socialmente, mas da forma na qual acontece o processo democrático da mulher com relação à sua inserção nesse meio.

6 REFERÊNCIAS

ADAMI, Fernando et al. Aspectos da construção e desenvolvimento da imagem corporal e implicações na Educação Física. **Revista Digital de Buenos Aires**, v. 83, 2005.

BERTÉ, Isabela Lisboa; GOELLNER, Silvana Vilodre. Produzindo feminilidades: a percepção de boxeadoras sobre suas transformações corporais. **Journal of Physical Education**, v. 31, 2020.

BOAVENTURA, Patrícia Luiza Bremer; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos femininos em debate: Ser mulher na ginástica rítmica. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 26, p. 26005, 2020.

BORDO, Susan. *Unbearable Weight: Feminism, Western Culture and the Body*. Berkeley, **University of California Press**, 1993.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

COLLING, Ana Maria. Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 9, n. 18, 2014.

DAOLIO, Jocimar. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a educação física. **Movimento**. Porto Alegre. v. 2, n. 2, p. 24-28, 1995.

DE ASSIS CAMPOS, Maria Teresa; CECÍLIO, Mariana Silva; PENAFORTE, Fernanda Rodrigues. Corpo-vitrine, ser mulher e saúde: produção de sentidos nas capas da Revista Boa Forma. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 11, n. 3, p. 611-628, 2016.

DA SILVA FRANCISCO, Gilberto. Mulheres atletas no mundo antigo e o discurso sobre a participação feminina nos jogos olímpicos modernos. **Métis: história & cultura**, v. 9, n. 18, 2012..

DE CONDORCET, Marquis. **On the Admission of Women to the Rights of Citizenship**. Read Books Ltd, 2020.

FERNANDES, Vera et al. Mulheres em combate: representações de feminilidades em lutadoras de Boxe e MMA. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 26, p. 367-376, 2015.

GOELLNER, Silvana. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica. **Ijuí: Editora Unijuí**, 1ª ed., v. 1000, 2003.

JARDIM, Juliana Gomes; BETTI, Mauro. "Puro preconceito! Vem de brinde com a bola!": o tabu da (homo) sexualidade em uma equipe de futsal feminino. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 35, n. 2, p. 249-262, 2021.

KANE, Mary Jo. Resistance/transformation of the oppositional binary: Exposing sport as a continuum. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 19, n. 2, 1995, p.191-218.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LIMA, Aluísio Ferreira de; BATISTA, Karina de Andrade; LARA JUNIOR, Nadir. A ideologia do corpo feminino perfeito: questões com o real. **Psicologia em Estudo**, v. 18, p. 49-59, 2013.

MASCARIN, Rafaela Bevilaqua; DE OLIVEIRA, Flávia Volta Cortes; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. Feminilidade e preconceito de gênero no futsal. **Fluxos & Riscos-Revista de Estudos Sociais**, v. 2, n. 1, p. 83-96, 2017.

MESSNER, Michael. **Taking the field: Women, men, and sports**. Minneapolis, University of Minesota Press, 2002.

MELO, Gislane Ferreira de; GIAVONI, Adriana; TRÓCCOLI, Bartholomeu Torres. Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 20, p. 251-256, 2004.

MOURA, Diego Luz. Esporte, mulheres e masculinidades. **Esporte e Sociedade**, n. 13, 2021.

MOURA, G. X.; TASCA, L.C. Gênero, corpo e a legislação esportiva brasileira. **IV Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, p. 559-576, 2020.

NASCIMENTO, Anna Tharyne; DA ROCHA, Fátima Niemeyer. A Inserção da Mulher no Futebol. **Revista Mosaico**, v. 12, n. 2, p. 69-77, 2021.

OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo; TUBINO, Manoel JG. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 16, n. 2, p. 125-133, 2009.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. **O corpo feminino em debate. São Paulo: UNESP**, p. 13-27, 2003.

SILVA, Sergio. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher, 2010.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpo feminino no esporte: entre heterossexualidade compulsória e lesbofobia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, 2016.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; VAZ, Alexandre Fernandez. Doping e controle de feminilidade no esporte. **Cadernos Pagu**, p. 447-475, 2014.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; VAZ, Alexandre Fernandez. Doping e controle de feminilidade no esporte. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 447-475, 2014.

SOARES, João Paulo Fernandes et al. Performatividades de gênero e a abjeção dos corpos de mulheres no levantamento de peso. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 24, n. 1, p. 107-118, 2018.

SOARES, João Paulo Fernandes; MOURÃO, Ludmila; MONTEIRO, Igor Chagas. Corpos dissidentes: gênero e feminilidades no levantamento de peso☆. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, p. 254-260, 2017.

AGRADECIMENTOS

A Deus por toda a sabedoria, discernimento, entendimento e resiliência para lidar com todas as fases do trabalho;

A nossa orientadora Annelise e a nossa amiga Caroline, que se puseram à disposição para nos ajudar com as partes mais complexas;

Aos nossos familiares e amigos que nos apoiaram em todo o desenvolvimento.